

O telefone móvel como recurso didático: reflexões a partir da produção de radiodramas com professores da educação básica

Ivanderson Pereira da Silva – ivanderson@gmail.com
Luis Paulo Leopoldo Mercado – luispaulomercado@gmail.com
Universidade Federal de Alagoas

Resumo

Esse estudo investiga os limites e as possibilidades do uso do telefone móvel como recurso didático para a produção e o compartilhamento de radiodramas. Teve por objetivos realizar um estudo teórico/bibliográfico das potencialidades didáticas do telefone móvel; explorar, junto a um grupo de professores da Educação Básica, metodologias ativas de uso do gravador de áudio do telefone móvel para a produção de radiodramas; e analisar os limites e as possibilidades dessa estratégia didática a partir da técnica do grupo focal com esses sujeitos. O cenário da pesquisa foi a disciplina Informática Aplicada a Educação do Curso de Especialização em Inspeção Escolar, voltado para professores da Educação Básica, e ofertado no Município de Porto Calvo, Alagoas, Brasil, por uma instituição de ensino superior de natureza privada. A conversa no grupo focal foi gravada em áudio e após a transcrição e análise desse material foi possível evidenciar os resultados da experiência: evidenciou-se uma forte presença da lógica da exposição na prática pedagógica desses professores e constatou que esse tipo de metodologia contribui para a motivação dos sujeitos, para o controle da indisciplina escolar; para a superação da timidez; e para o reconhecimento das TIC como uma necessidade pedagógica no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Telefone móvel; Possibilidades Didáticas; Radiodramas

1 – Introdução

A apropriação das tecnologias da informação e comunicação (TIC) pela sociedade contemporânea tem proporcionado sua gradual e progressiva integração ao Currículo escolar e universitário (FIGUEIREDO e SILVA, 2011). Esse fenômeno têm impulsionado investigações acerca da contribuição das mídias e tecnologias na educação (SILVA e MERCADO, 2013a; SILVA e SILVA, 2012; SILVA e SILVA, 2013; SILVA, 2010).

Tais estudos têm apontado que a exploração das TIC favorecem experiências de autoria e contribuem para a promoção de aprendizagens significativas deixando de ser percebidas como adereços da sala de aula e passando a ser encaradas como necessidades pedagógicas na sociedade contemporânea (SILVA, 2010). Tal necessidade favorece a exploração de metodologias educacionais em que os alunos assumem uma postura ativas no uso das TIC com vistas a formação do sujeito autor. Em meio a essas metodologias é possível apontar a

produção de conteúdo em áudio no formato de radiodramas (FERRARETO, 2001; OLIVEIRA et al., 2010).

Essas práticas de produção de conteúdo em áudio podem ser entendidas como metodologias ativas em que o aluno ocupa o centro do processo ensino/aprendizagem e têm sido favorecidas pela evolução e facilidade de acesso aos recursos tecnológicos. Dentre os mais populares é possível identificar os telefones móveis que dão suporte à gravação e compartilhamento desse formato midiático (MOURA, 2012; BENTO e CAVALVANTE, 2013). Nas escolas é possível perceber que grande parte dos alunos e professores dispõem desse recurso e que nele estão contidos aplicativos que favorecem a gravação de radiodramas.

Diante dessa possibilidade, emerge a seguinte questão: “Quais os limites e as possibilidades do uso do telefone móvel como recurso didático para a produção e o compartilhamento de radiodramas?”. Para responder a essa questão, fizemos de um estudo teórico/bibliográfico das potencialidades didáticas do telefone móvel; em seguida exploramos junto a um grupo de professores da Educação Básica metodologias de uso do telefone móvel para a produção de radiodramas; e por fim analisamos seus limites e possibilidades a partir de um grupo focal com esses sujeitos. Nesse artigo são explicitados os procedimentos metodológicos de produção de radiodramas com esses professores e a análise dessa experiência à luz da fala desses sujeitos.

O estudo está organizado em cinco sessões nas quais são apresentadas o resultado do estudo teórico/bibliográfico o qual aponta as potencialidades didáticas do telefone móvel, e as características gerais das radiodramas; a descrição do procedimento metodológico que permitiu a produção das radiodramas e a realização do grupo focal; as categorias que emergiram da análise da transcrição da áudio-gravação do grupo focal; e os resultados desse estudo.

2 – Práticas pedagógicas com o uso do telefone móvel

O discurso de que as escolas precisam gradativamente explorar as potencialidades das TIC nas práticas educativas tem se disseminado na sociedade contemporânea. Como um dos reflexos disso, as escolas têm investido na aquisição de diferentes recursos tecnológicos na tentativa de se fazerem atuais. Contraditoriamente a esse investimento em tecnologias para suporte às práticas educativas é comum, no interior das instituições escolares, os alunos terem seus tablets, notebooks e telefones móveis confiscados sob a justificativa de que o uso desses aparelhos não está em consonância com o espaço escolar (BLIKSTEIN e ZUFFO, 2006).

Tal contradição se expressa entre a necessidade de promover metodologias ativas com o uso das TIC e a necessidade de manter o paradigma tradicional no qual o professor ocupa o centro do processo ensino/aprendizagem. Como reflexo dessa contradição, mais que permitir, a escola acaba por restringir o uso dos recursos tecnológicos em seu interior (BLIKSTEIN e ZUFFO, 2006). Essas práticas coercivas do uso de tecnologias móveis na escola têm tomado largas proporções no Brasil e a exemplo disso podemos citar o caso do Estado de São Paulo que determinou “a proibição do uso do celular pelos alunos das escolas do sistema estadual de ensino durante as aulas, conforme consta no Decreto nº 52.625, de 15 de Janeiro de 2008” (BENTO e CAVALCANTE, 2013, p. 2014).

Segundo Levy (1999), as TIC podem ser comparadas a palavra *Phármakon* que pode denotar ao mesmo tempo remédio ou veneno. Dependendo do uso que se faz desses recursos, os telefones móveis podem contribuir para uma escola plural, democrática, valorizando as potencialidades dos sujeitos, ou para a promoção da violência, o deslocamento da atenção, a indisciplina, etc. Para Bento e Cavalcante (2013, p. 113),

O uso das TIC Móveis e sem Fio (TIMS) aumentam os desafios da realidade escolar. Educadores precisam se adequar a realidade desenhada pelas TIMS. Entre as TIMS, temos o celular, um aparelho popular, com aplicativos que podem vir a ser utilizados em sala de aula como recurso pedagógico.

Em meio a essa multiplicidade de aplicativos interativos proporcionada pelo telefone móvel, o qual está ao alcance das mãos dos alunos, o trabalho pedagógico dos professores se complexifica. As possibilidades oferecidas pelo celular acabam sendo muito mais convidativas, provocativas e tentadoras que o que se apresenta cotidianamente na sala de aula. É possível identificar alunos que estão de corpo presente na sala de aula, mas que se encontram completamente ausentes daquele contexto, estando imersos em jogos, chats e outras tentações proporcionadas pelo celular.

A alternativa encontrada pelo Estado de São Paulo para essa questão foi a proibição do uso do celular. No entanto, seria essa uma alternativa que contribui para a formação dos cidadãos que vão atuar na sociedade contemporânea? Sob esse aspecto, Bento e Cavalcante (2013, p. 118) descrevem que,

existem várias formas de se utilizar um celular em sala de aula, seja de um celular simples até mais moderno. Um celular simples, por exemplo, que tem como aplicações, a calculadora, o conversor de moeda, de comprimento, de peso, de volume, de área, e de temperatura, tem também a contagem regressiva e o cronômetro. E os mais modernos possuem, além disso, tudo como aplicações, também o tradutor de línguas que bastante conhecido por ser utilizado no Google, mais que em alguns não têm necessidade da internet para o uso, o gravador de voz, a filmadora a câmera, e a internet.

Para além dos recursos pré-definidos no celular, dependendo do modelo e do sistema operacional desse dispositivo eletrônico, é possível dispor de aplicativos de comunicação como o *WhatsApp Messenger* ou o *Telegram Messenger* que favorecem a criação de grupos de discussão ou bate papos um a um. É possível também dispor de jogos eletrônicos, dicionários, simuladores, etc. Esses recursos, se bem explorados, podem contribuir para a promoção de uma escola que favoreça a formação de cidadãos para a sociedade contemporânea.

3 – Potencialidades Didáticas dos Radiodramas

Dentre os recursos oferecidos pelo celular, é possível utilizar o gravador de voz como suporte às práticas pedagógicas. A possibilidade de gravar e compartilhar esses conteúdos favorece a produção de radiodramas em contextos de ensino e aprendizagem. Os radiodramas podem ser entendidos como folhetins no formato radiofônico ou folhetins sonoros. Para Diniz (2009, p. 94), nesses conteúdos,

a palavra é explorada em toda a sua expressividade, como timbre, tom, intensidade, ritmo e harmonia. Os diálogos são curtos, construídos de forma simples, para facilitar o entendimento de todas as camadas sociais. Os efeitos sonoros são inseridos para retratar a ambiência da trama e acrescentar realismo à obra ficcional. As músicas têm várias funções, como abrir e encerrar peças, identificar personagens em cena, passagens de tempo e reflexões. Isso tudo é possível graças às particularidades do rádio, considerado hoje um aparato tecnológico simples, mas, dependendo de seu uso, pode tornar-se um meio de comunicação de enorme complexidade expressiva.

Diante dessas características, os estímulos sonoros emitidos no âmbito dos radiodramas favorecem a criação de imagens mentais ilimitadas. “Para o escritor de peças radiofônicas, é fácil nos envolver numa batalha entre duendes e gigantes, ou fazer a nossa espaçonave pousar num estranho e distante planeta” (McLEISH, 2001, p. 15 apud DINIZ, 2009, p. 94). Nesse sentido, por meio do estímulo sonoro dos radiodramas é possível criar imagens mentais que tornam significativa a audição desses conteúdos.

Diniz (2009, p. 103, grifo nosso), tomando por base as categorias de Mário Kaplún, define três tipos de radiodramas:

O primeiro, unitário, é conhecido entre os brasileiros como peça radiofônica. A narrativa começa e termina em uma única apresentação.

No segundo tipo, seriado, também a cada capítulo é apresentada uma trama independente. A diferença é que esse gênero tem mais de um episódio. Mesmo assim, a audiência não precisa acompanhar o capítulo anterior para entender o enredo. Os personagens do seriado são fixos e isso garante a unidade da obra. No entanto, cenários e *argumentos* mudam a cada episódio.

A radionovela é o terceiro tipo de radiodrama. Ela tem uma estrutura de apresentação diferente das anteriores. A trama é continuada e se desenvolve em muitos capítulos. É preciso escutá-la na íntegra ou quase na íntegra. Quando se perdem vários capítulos é quase impossível acompanhar o enredo. A estrutura continuada da radionovela dificulta o seu caráter educativo.

Especificamente em se tratando de radionovelas, segundo Diniz (2009, p. 100),

As radionovelas nascem a partir de *soap operas* americanas, que fazem parte da estratégia de empresas para aumentar as vendas de produtos de limpeza e higiene. Os primeiros bosquejos de *soap opera* surgem nos Estados Unidos através de dramas curtos, em média quinze minutos, apresentados no horário diurno.

Segundo esse autor, em meados da década de 1930, após seu surgimento nos Estados Unidos, as *soap opera* são recriadas e estreiam em Cuba rebatizadas como radionovelas. A disseminação da tecnologia do rádio e a evolução da mídia radiofônica são acompanhadas pela propagação das radionovelas no mundo. No entanto, há que se ressaltar que as *soap opera* e as radionovelas não são a mesma coisa: “as radionovelas normalmente trabalham com histórias abertas e um grande número de tramas paralelas. As *soap operas* não carregam esses atributos.” (DINIZ, 2009, p. 101). Como nesse momento as radionovelas tinham como alvo o público feminino, seu foco incidia “em torno de conflitos amorosos, casamentos, separações, adultérios, abortos, prostituição, entre outros assuntos que dizem respeito às mulheres” (idem)

Segundo Oliveira et al (2010, p. 3), “no Brasil, as radionovelas estavam entre os programas de maior audiência nas décadas de 1940 e 1950”. No âmbito das mídias de comunicação de massa, com a emergência da televisão e sua disseminação, as radionovelas foram dando lugar as telenovelas. Atualmente, apesar de pouco difundido no rádio, esse gênero continua sendo utilizado para diferentes finalidades e apresentando significativas contribuições. Estudos de Melo e Alves (2009) têm explorado as radionovelas em processos de inclusão de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, violência doméstica e trabalho infantil na região Amazônica.

Especificamente ao discutir suas contribuições na prática pedagógica, Fiuza e Silva, Mussolin e Rosa (2013) apontam que a produção de radionovelas favorece: o intercâmbio de culturas por meio do trabalho em equipe; a superação da função expositiva do professor; a assunção de uma postura discente ativa; a abertura da escola para a comunidade por meio da mostra das produções; a discussão dos temas discutidos nas radionovelas produzidas; o estímulo às potencialidades inatas dos alunos e a quebra da timidez.

Para a produção desse tipo de conteúdo, Oliveira et al (2010) partem do entendimento de que as radionovelas são folhetins sonoros e apontam o seguinte percurso metodológico: a)

Leitura e adaptação da obra para o formato de folhetim radiofônico; b) Produção do roteiro e script; c) Pesquisa por trilhas sonoras e efeitos; d) elaboração do texto; e) Gravação e edição. Ao longo desse percurso é preciso considerar três elementos que são imprescindíveis: conteúdo, história e personagens. O conteúdo precisa ser provocativo, a história deve ser envolvente e os personagens devem dar vida a essa radionovela. Diferente da televisão em que se vê a lágrima rolando no rosto do ator ou da atriz, na radionovela essas lágrimas precisam ser sonorizadas. A causa desse choro também precisa ser evidenciada porque esse choro pode ser de alegria ou de tristeza e esses sentimentos também precisam ser sonorizados. Para Oliveira et al (2010, p. 6) é possível utilizar diferentes tipos de efeitos sonoros:

Característica: música que identifica um programa no início e no fim de cada bloco, no início e no fim de cada transmissão;

Cortina: breve trecho musical que identifica ou separa uma determinada parte de um programa radiofônico em relação ao todo;

Vinheta: usada quase sempre com sentido semelhante ao da característica ou da cortina nas se diferencia por associar o texto à música;

Fundo musical – BG: música geralmente instrumental em volume inferior ao do texto lido por um locutor ou apresentador. O BG tem função expressiva e reflexiva.

Tais efeitos enriquecem o conteúdo da radionovela tornando-a convidativa e atraente, favorecendo a comunicação da mensagem a qual se objetiva transmitir. A criação desses conteúdos é um exercício cognitivo que demanda esforço em pesquisar os elementos necessários para a composição do cenário. Segundo Diniz (2009, p. 109),

Ao utilizar uma música para lembrar uma época ou lugar, o produtor deve pesquisar quais os instrumentos e as obras que representam determinado momento histórico ou ambiência. Ao radiodramatizar obras de Homero, como *Iliada* e *Odisséia* (sec. VIII a.C.), por exemplo, deve-se evitar músicas com base de piano. Esse instrumento é criado somente no século XVIII da era contemporânea; portanto, não é do período homérico. Para ilustrar passagens na Grécia Antiga é aconselhável utilizar peças musicais que realcem cítaras, liras de quatro cordas, flautas de pan, enfim, instrumentos que remetam àquela região e período histórico.

A criação do cenário a partir de estímulos sonoros exige do autor a escolha dos efeitos corretos, pois dependendo do estímulo que seja utilizado a imagem mental criada pode ser diferente da que o autor espera despertar nos ouvintes. Segundo Diniz (2009, p. 108), “Os efeitos podem ser articulados e expressados através de quatro funções básicas, frutos da combinação de aspectos conotativos e denotativos, ambientação objetiva e subjetiva”.

A primeira função é *ambiental ou descritiva*. O efeito sonoro serve de fundo à cena, acompanha o diálogo. Por exemplo, a conversa de namorados na praia

pode ser identificada com beijos, gaivotas e barulho do mar. Já o som de interior de ônibus serve de fundo ao diálogo entre passageiros.

A segunda é a função *expressiva*. Constitui-se de uma presença sonora mais significativa que a *ambiental ou descritiva*, ou seja, diz, sugere algo, cria uma atmosfera emocional. O efeito sonoro é uma linguagem. Nesse sentido, é possível contar um fato sem palavras. Por exemplo, a inclusão de pisadas fortes e arrastadas antes de um crime leva o ouvinte a associar o efeito sonoro a uma característica do matador.

Depois vem a função *narrativa*. Os efeitos sonoros ligam uma cena a outra. Eles dão continuidade, seqüência à narrativa através da justaposição ou superposição de vários elementos sonoros de uma mesma realidade temática ou espaço-temporal, ou, ainda, de distintas seqüências radiofônicas.

E a última é a função *ornamental*. É como acessório da palavra radiofônica, isto é, denota a localização da ação descrita pelo relato. Não é um efeito sonoro imprescindível; entretanto, dá brilho, cor à cena. Podem-se inserir gritos de meninos jogando futebol quando a cena transcorre em um bairro da periferia. (idem).

No trabalho com esses efeitos sonoros é preciso ter cautela para não irritar o ouvinte e comprometer a áudio-gravação. Em alguns casos, a música repetitiva e o ritmo insistente são justificáveis. Emprega-se essa técnica para marcar a passagem de tempo, como horas, minutos, segundos (DINIZ, 2009). Mas esse for o recurso mal empregado, a radionovela pode se tornar desinteressante ao ouvinte. O silêncio e o eco, também são recursos sonoros válidos para dar realismo as radionovelas.

4 - Produzindo radiodramas com professores da Educação Básica

O cenário da experiência foi a disciplina Informática Aplicada a Educação, no Curso de Pós-graduação *lato-sensu*, Especialização em Inspeção Escolar, ofertado por uma instituição de ensino superior privada. Esse curso foi ofertado para professores da Educação Básica e foi realizado no município de Porto Calvo, Alagoas, Brasil. No âmbito dessa disciplina, inicialmente foi promovida uma reflexão junto a esses professores sobre a importância do desenvolvimento de práticas de formação do sujeito autor a por meio das TIC (SILVA e MERCADO, 2013).

Em continuidade, foram exploradas as potencialidades didáticas das principais mídias: impresso, rádio, televisão e internet. Essa exploração se deu a partir de material impresso, programas em áudio, radionovelas, documentários, entrevistas, bem como algumas interfaces de compartilhamento da internet. Ao final desse primeiro momento, a turma foi dividida em dois grupos de até 10 componentes para elaborar uma radionovela. No quadro 1, é possível visualizar os dois folhetins produzidos.

Quadro 1 – Folhetins produzidos pelos professores

Grupo	Título do Radiodrama	Folhetim
Grupo 1	Rebeldia: um retrato que vivenciamos na escola	<p>Narrador: Rebeldia: um retrato que vivenciamos na escola. Em uma segunda-feira de manhã, de repente, dona Gorete, a professora de Toinho e Zezinho, chega assustada na diretoria da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aprendendo para o Futuro, a procura de dona Dalva, a diretora da escola e relata:</p> <p>Dona Gorete: Dona Dalva, não suporto mais esses dois rebeldes, Toinho e Zezinho, só falam palavrões tais como "besta fera" e "filho do cão".</p> <p>Narrador: Imediatamente, dona Dalva, bem chique, bastante autoritária, prolatou:</p> <p>Dona Dalva: Vou convocar o conselho tutelar para resolver ete problema.</p> <p>Narrador: De repente, dona Tereza, a outra merendeira da escola chega com os olhos arregalados e diz:</p> <p>Dona Tereza: Dona Dalva, Toinho e Zezinho jogaram o prato de merenda na cara da "Mazé" e ainda disse: "a merenda é sua cara!" (som de choro no fundo durante esta fala denotando que a "Mazé" está chorando na frente da diretora e que está sendo acompanhada pela dona Tereza).</p> <p>Narrador: mais uma vez dona Dalva com sua autoridade disse:</p> <p>Dona Dalva: Eu, como presidente do conselho desta escola, vou convocar o Conselho Tutelar, caso, o Conselho Tutelar não resolva este problema, vou encaminhar ao Ministério Público.</p> <p>Narrador: de repente, Zezinho e Toinho, adentram na diretoria e falam:</p> <p>Toinho: E aí meu irmão? Como é? Fio da besta fera e aê tá ligado?</p> <p>Zezinho: Fio da peidona, aquela besta fera lá não vai resolver nada não meu irmão.</p> <p>Toinho: deixa ela encaminhar para o Conselho Tutelar, até onde for meu irmão, eu já fui pra febem e ali vai ser café pequeno.</p> <p>Narrador: E assim termina mais uma história que é vivenciada nas escolas de um modo em geral.</p>
Grupo 2	Castração da Autoria do Aluno	<p>Backgruond - som de fundo - durante toda a radionovela</p> <p>Vinheta (som do celular)</p> <p>Narrador: Bom dia ouvinte da Rádio Cultura Viva! A nossa radionovela de hoje, relata uma história da educação que tem como tema: Castração da Autoria do Aluno</p> <p>Vinheta (som do celular)</p> <p>Narrador: Professora Tereza, entra na sala de aula (som de passos com salto alto toc toc toc)</p> <p>Professora Tereza: Bom dia alunos!</p> <p>Alunos: Bom dia professora!</p> <p>Professora Tereza: Abram o Livro na página 100 (som de páginas de livro sendo folheadas)</p> <p>Professora Tereza: Nossa aula de hoje é sobre Preservação do Meio ambiente. Leiam o Texto Silenciosamente.</p> <p>Narrador: Joana, questiona sobre um fato que está na mídia</p> <p>Joana: Professora, o terremoto do Haiti, foi causado pelo Efeito Estufa?</p> <p>Narrador: A professora Tereza, ignora Joana.</p> <p>Professora Tereza: O assunto que vamos tratar, é meio ambiente. Você leu o texto?</p> <p>Narrador: Joana continua insistindo.</p> <p>Joana: Não professora, eu gostaria de entender mais sobre o terremoto.</p> <p>Narrador: Agora, a professora Tereza, fica irritada com tanta insistência.</p> <p>Professora Tereza: A aula de hoje, não vai ser sobre terremotos. Faça o que estou pedindo! Leia o texto, em silêncio e depois ditarei os assuntos que vamos discutir durante a aula de hoje.</p>

	<p>Narrador: Joana se arrepende e volta atrás</p> <p>Joana: Desculpa professora por ter atrapalhado a sua aula! Vou ler o texto como a senhora pediu.</p> <p>Narrador: A Rádio Cultura Viva de hoje, relatou um fato, histórico, Jamais vivenciado na cidade de Porto Calvo. Obrigado pela audiência!</p> <p>Vinheta (som do celular)</p> <p>Background - som de fundo - durante toda a radionovela</p>
--	--

Fonte: Os autores

A sugestão para esses professores era que o tema abordado no radorama fosse ligado à educação e qualquer outra dimensão deste produto ficava a critério do grupo, estando livres para ousar e colocar em prática sua criatividade

O radiodrama “Rebeldia: um retrato que vivenciamos na escola” criado pelo Grupo 1, enfoca a temática da Indisciplina Escolar. Aponta uma situação problema vivenciada pelos professores autores em suas escolas. Tal fato foi discutido no coletivo, após o momento de apresentação deste folhetim. O segundo radiodrama produzido traz como enfoque o tema "Castração da autoria do aluno". Nesse folhetim, o segundo grupo evidenciou a lógica da exposição de conteúdos em detrimento da valorização das potencialidades autorais dos alunos.

Os folhetins produzidos se constituem em materiais didáticos de qualidade para se trabalhar os problemas educacionais vivenciados pelos professores num momento de formação continuada, numa reunião de departamento ou numa reunião de pais e mestres. Para a sonorização desse folhetim, os grupos foram separados em ambientes distintos isolando-se uns dos outros. Para tal momento, foi necessário um equipamento que suportasse a gravação em áudio bem como a disponibilização de conteúdos pré-definidos tais como músicas e efeitos sonoros. Esses conteúdos diversos poderiam ser localizados no celular, o qual também poderia ser utilizado para a gravação do radiodrama.

No momento da gravação foi possível perceber a interferência de muitos ruídos provenientes do ambiente externo tais como buzinas, alarmes de carros, som alto, sino da igreja dentre outros. Outro aspecto observado foi o som emitido pelos alto-falantes do celular, não era suficientemente potente para que todos ouvissem os radiodramas. Após gravadas as radionovelas, se fazia necessário compartilhá-las. A socialização desses conteúdos exigia que os arquivos pudessem ser “lidos” por outros aparelhos celulares ou pelos computadores disponíveis. No entanto, os arquivos de áudio gerados nos celulares, têm extensões diferentes para diferentes marcas e modelos de aparelhos. Situação semelhante pode ser identificada nos computadores, com a diferença de que nesse é possível dispor de programas que fazem a conversão de formatos.

5 – Análise da experiência a partir de Grupos Focais

Após o momento de socialização dos radiodramas, foi composto um grupo focal (FLICK, 2009) para evidenciar os ganhos que esse tipo de estratégia didática pode trazer para a prática pedagógica a partir das experiências desse grupo. Foi feita a opção pela áudio-gravação do grupo focal para que o moderador não perdesse tempo com a anotação das falas do grupo.

Uma vez que esse grupo era constituído de vinte professores e um moderador, para que o microfone do gravador não ficasse distante desses sujeitos, foi feita a opção pela distribuição das carteiras na sala no formato de duas circunferências concêntricas, nas quais o centro foi ocupado pelo gravador, a primeira circunferência de carteiras foi ocupada pelos representantes dos núcleos de narração, núcleo de efeitos sonoros e equipe de atores das radionovelas produzidas. A segunda e maior circunferência foi ocupada pelos demais professores.

Nesse grupo focal, o gravador foi o aparelho celular disposto no modo “gravação de áudio”. Para evidenciar os limites e as possibilidades do uso do celular como recurso didático para a produção e o compartilhamento de radiodramas, foram lançadas seis questões provocativas, uma a uma. O grupo focal teve duração de aproximadamente uma hora e meia e o áudio capturado pelo celular registrou 1h36min15s de conversas. Esse material foi transcrito a partir de sua audição e a análise desses dados permitiu o levantamento dos seguintes resultados: evidenciou-se uma forte presença da lógica da exposição na prática pedagógica desses professores; ao mesmo tempo em que se constatou que esse tipo de metodologia contribui para a motivação dos sujeitos, para o controle da indisciplina escolar; para a superação da timidez; e para o reconhecimento das TIC como uma necessidade pedagógica no mundo contemporâneo.

a) presença da lógica da exposição na prática pedagógica dos professores

A lógica das práticas de ensino nesse grupo está em profunda sintonia com o que Silva e Mercado (2013) chamaram de Pedagogia da Reprodução. Nessa perspectiva, o ensino seria uma forma de transmissão do conhecimento o qual deve se expressar em aulas expositivas e na certeza de que para ser aula, deve ser expositiva. A lógica da exposição de conteúdos se expressa na fala de A1, o qual afirma: “Na minha concepção, [...] é possível mostrar por meio da rádio, que podemos transmitir vários conhecimentos” (A1).

Nessa perspectiva, o uso da produção de conteúdos em áudio, seria mais uma forma de exposição e não de expressão da autoria dos alunos. O ensino expositivo está culturalmente impregnado nas práticas destes professores.

b) a produção de radiodramas como estratégia de motivação

Ao longo do grupo focal foi recorrente a defesa de que esse tipo de trabalho de produção de radiodramas favorece a motivação do aluno. O grupo argumenta que o elemento "novidade" favorece a motivação do aluno, como pode ser percebido nas falas de A2, A3 e A4.

Eles vão gostar até por que é uma coisa nova. Quando você leva uma coisa nova, todos vão se interessar. Uma coisa nova todo mundo vai querer aprender (A2).

É uma maneira bem prática da aula se tornar mais prazerosa e descontraída e faz com que os alunos em si, se motivem a fazer parte de um determinado conteúdo" (A3).

Complementando aqui também, o mais importante é saber que é mais uma forma de eles aprender brincando, é bom pra descontrair (A4)

Segundo A1, o elemento "novidade", presente nos radiodramas, desperta a curiosidade dos alunos promovendo assim motivação para participar da aula. Já A2 aponta como elemento de motivação o fato da produção de radiodramas ser uma atividade prática. A4 entende essa estratégia didática como lúdica e aponta essa característica como o elemento motivador. É possível observar que o estímulo a curiosidade defendida por Freire (1996), a postura ativa do aluno e a defesa de práticas lúdicas, estão presentes no ideário pedagógico desses professores. Nessas perspectivas teóricas, o papel do professor é o de facilitador da aprendizagem e não o de expositor.

c) a produção de radiodramas como estratégia de controle da indisciplina escolar

Segundo a percepção desse grupo, esse tipo de atividade favorece a motivação e ao mesmo tempo o controle da indisciplina escolar. Essa percepção encontra eco nos estudos de Vasconcelos (2009), o qual aponta um grau de proximidade muito alto entre a desmotivação do aluno e a indisciplina escolar. Segundo A4, esse tipo de estratégia

vai trazer aquele aluno [...] rebelde. Tenho certeza que ele vai gostar de participar, botar as energias dele e brincar com o novo que é uma coisa que ele gosta, porque quando o professor entra na sala ele avisa: "desligue os

celulares". A medida que ele vai poder usar, aquilo, é um brinquedo para eles, a medida que ele vai poder usar, utilizar, é mágico! (A4)

Segundo esse professor, a criação de espaços nos quais os alunos pode se expressar livremente contribuem para minimizar os problemas de indisciplina escolar. No entanto há de se considerar que o papel do sujeito que conduz as práticas pedagógicas é fundamental no controle da indisciplina. Segundo Vasconcelos (2009, p. 115), o professor não pode abrir mão de sua posição de direção na sala de aula e o aluno por sua vez, não pode ocupar um papel passivo.

d) a produção de radiodramas contribui para a superação da timidez

Na fala desse grupo foi possível perceber a defesa de que esse tipo de experiência favorece a quebra da timidez do aluno como pode ser verificado nas falas de A2 e A5.

Isso faz com que também aquele aluno que é muito quieto, que é muito parado na sala de aula, desenvolva melhor a sua fonologia, a sua dicção, ele deixa de ser aquele aluno, que é esquecido na sala de aula e faz parte daquele grupão, ele desenvolve melhor as suas habilidades. (A2)

Tem aqueles alunos que quando a gente trabalha com seminários, [...] eles fazem aquele planejamento, [...] nas na hora da apresentação... [...] "ah professora vou não! Eu, não vou conseguir!" [...] na hora de ir a frente, o mundo desaba sobre ele. [...] Até as colegas [professoras], tem umas que, não sei se você percebeu, na hora de ir a frente elas não gostam. Não é que elas não saibam. Com certeza sabem pois aqui nós temos diretoras de escola, deputadas estaduais, professoras, etc. Então com certeza, se elas chegaram a estes cargos, é por que elas tem capacidade pra isso; mas não gostam [de ir para frente]; e ali [na produção de radiodramas] todos participaram, e não tiveram receio de falar, não tiveram receio de se soltar, porque notei que elas se sentiram à vontade, na participação (A5).

A2 destaca que a produção de radionovelas pode favorecer a superação da timidez de seus alunos, mas A5 evidencia ainda que essa prática favoreceu a quebra da timidez dos próprios professores que, quando submetidos a situações de exposição fora da sala de aula nas quais exercem a docência, também se sentem tímidos. Mesmo sendo profissionais qualificados manifestam esse comportamento tímido diante dos colegas.

O medo de se errar faz com que estes sujeitos se calem diante das discussões e se neguem a expor suas falas no grupo. Esteban (2002) aponta a avaliação a aprendizagem na perspectiva tradicional como o principal mecanismo de coerção ao erro. Dentro dessa perspectiva o erro deve ser combatido/punido e o acerto fomentado/premiado e esse mecanismo se expressa por meio das notas. Autores como Hoffmann (1991) e Luckesi (2008)

também contribuem para esse debate, concordando que a avaliação da aprendizagem na perspectiva tradicional não contribui para a emancipação do sujeito.

A figura do professor como o repressor esta muito ligada a perspectiva tradicional de ensino e de avaliação da aprendizagem isso pode ser verificado nas falas de A2, A5 e A7.

Eles [os alunos] vão gostar! Até porque não tem ninguém observando.... (A2)

Todo mundo gostou né? Por que não houve observação, ele não estava lá! Você ouviu cada um deles mas não estava observando, então eles se sentiram livres". (A5)

todo mundo se sentiu a vontade, e talentos foram descobertos até dentro das pessoas que participaram, que não se achavam que eram capaz, e grandes maravilhas que foi realizado ontem, entre nós. (A7)

Neste sentido, se a postura do professor for reguladora, repressora ou censora a probabilidade de limitar a autoria dos alunos é alta. Há de se considerar que, segundo a fala de A5, a própria presença do professor, por toda a tradição histórica que sua figura representa, por si só, já inibe em certo grau essa autoria. Empolgada com os resultados da experiência de produção dos conteúdos em áudio no formato de radionovelas, a professora afirma que todo mundo gostou porque "ele" não estava lá. Essa visão do professor reflete os ranços da pedagogia tradicional (SAVIANI, 2009).

e) o reconhecimento das TIC como uma necessidade pedagógica

A partir do grupo focal foi possível perceber que essa experiência favorece a Integração das TIC ao Currículo e o reconhecimento dessas enquanto necessidades pedagógicas. Segundo A6,

Inclusive ontem a nossa colega, ali a A2 me falou uma coisa muito interessante. Quando você perguntou: "Quem tem celular com Mp3?", ela me disse: "preciso comprar um porque não é mais uma questão de vaidade, é de necessidade". A tecnologia hoje, já é uma questão de necessidade, não é de vaidade. [...] Ontem ela me disse: "quando cheguei em casa [...] eu contei o que a gente tinha feito aqui ao meu menino [as radionovelas]. Aí ele me disse: "Cadê mainha, mostra pra eu ver o celular?". Eu disse que não podia porque não consegui gravar com o meu celular, por isso foi gravado com o celular da colega". Aí ele me disse, "amanhã leva o do painho!". (A6).

A professora revela no seu depoimento o desejo de mostrar para sua família suas produções e o desejo de seu filho em ver o que mãe tinha produzido. Mas como o celular dela não permitia a gravação em áudio, não foi possível esta socialização com seus familiares. Além

de perceber as TIC como uma necessidade educacional, a quebra do preconceito quanto a sua presença nas salas de aula também foi evidenciada na fala destes professores.

Eu mesmo não admito que meus alunos tragam o celular para a minha sala, eu não admito de maneira nenhuma. Mas agora vai ser diferente, a partir de terça-feira eu já faço questão que todos levem o celular para a sala de aula. Mas isto no momento certo! (A3)

Este professor afirmou que não permitia a entrada do celular na sala de aula, mas que após perceber que é possível utilizar tais recursos a favor do processo ensino/aprendizagem, sua postura será diferente.

6 - Considerações Finais

A experiência com a produção de radiodramas junto com os professores da Educação Básica evidencia que a lógica da exposição ainda continua se expressando com bastante força nas práticas pedagógicas desses professores e que a pedagogia tradicional ainda define o norte dessas práticas. Em contraste a essa constatação, verifica-se na fala desses professores o desejo de superar esse paradigma.

O trabalho de produção de radiodramas de forma amadora a partir do uso do celular contribui para a formação de sujeitos autores, mas apresenta algumas limitações do ponto de vista da qualidade dos produtos. Os radiodramas produzidos apresentavam muitos ruídos. O conteúdo, a história e os personagens, por terem sido criados num curto intervalo de tempo e de forma amadora, precisariam ser melhorados. Essa metodologia também apresenta limitações com relação ao público a que se destina, precisando ser reformulada para crianças muito pequenas ou para modalidades educacionais específicas.

A gravação que utiliza o celular apresenta limitações no compartilhamento desses conteúdos. Os arquivos de áudio gerados nos celulares, têm extensões diferentes para diferentes marcas e modelos de aparelhos. Para o compartilhamento desse material é interessante transferir o arquivo para o computador e trata-lo num software conversor.

Entre os limites e as possibilidades, fica evidente a contribuição que a produção desse tipo de conteúdo pode trazer para as práticas pedagógicas dos professores. Trata-se de um trabalho que esse tipo de trabalho contribui para a motivação dos sujeitos, para o controle da

indisciplina escolar; para a superação da timidez; e para o reconhecimento das TIC como uma necessidade pedagógica no mundo contemporâneo.

Referências

BENTO, Maria C.; CAVALCANTE, Rafaela S. Tecnologias móveis em educação: o uso do celular na sala de aula. **Revista ECCOM**, v. 4, n. 7, jan./jun. 2013 p. 113/120.

BLIKSTEIN, Paulo; ZUFFO, Marcelo K. As sereias do ensino eletrônico. In. SILVA, Marco. **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 25-40

DINIZ, José A. **A recriação dos gêneros eletrônicos analógicos-digitais: radionovela, telenovela e webnovela**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2009.

ESTEBAN, Maria Teresa. **O Que Sabe Quem Erra? Reflexões sobre Avaliação e Fracasso Escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FERRARETO, Luiz A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FIGUEIREDO, Lilian. K.; SILVA, Ivanderson P. Práticas de formação do aluno autor mediada pelas TIC: a contrapartida escolar. **Revista EDAPECI**, São Cristóvão (SE), vol 7, nº 7, abril 2011, p. 28/40. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/624/544> Acesso em 20 mar 2014.

HOFFMANN, Jussara M.L. **Avaliação: mito e desafio - uma perspectiva construtivista**. Educação e Realidade, Porto Alegre, 1991.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEVY, Pierre, **Ciberespaço**. São Paulo: Editora 34, 1999

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 19ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

MELO, Maria E.; ALVES, Luiz R. **Radionovelas educativas: na difusão de uma cultura de enfrentamento da violência sexual da criança e do adolescente**. (2009). Disponível em: <http://www.radiomargarida.org.br/wp-content/uploads/Radionovelas-Educativas-na-difus%C3%A3o-de-uma-cultura-de-enfrentamento.pdf> Acesso em 20 mar 2014

MOURA, Adelina. **Geração móvel**: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a “Geração Polegar”. 2012. Disponível em: <<http://adelinamouravita.com.sapo.pt/gpolegar.pdf>>. Acesso em: 3 ago 2012

OLIVEIRA, Laura L. et al. O auto do boi-bumbá. In. **Anais...** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVII Prêmio Expocom 2010 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2010/expocom/EX22-0057-1.pdf> Acesso em 20 mar 2014.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2009.

SILVA, Ivanderson P. **Autoria na internet e suas possibilidades didáticas**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SILVA, Ivanderson P.; MERCADO, Luis P. Tendências pedagógicas no mundo contemporâneo: reflexões sobre a pedagogia da reprodução e a pedagogia da autoria. **Revista EDAPECI**, São Cristóvão (SE), v.13. n. 2, p. 234-261, mai. /ago. 2013. Disponível em <http://www.seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/1235/PDF> Acesso em 20 mar 2014.

_____. Contribuições didáticas da produção e compartilhamento de vídeos em aulas de física. **Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, v. 2, p. 1-14, 2013^a

FIUZA e SILVA, Amanda Rosieli; MUSSOLIN, Bruna Fernanda Dias; ROSA, Rosane. Radionovela nas Escolas – Abordagem de Temas Sociais. **Anais do II Educom Sul: Educomunicação e Direitos Humanos**, Ijuí, RS, 27 e 28 de junho de 2013.

SILVA, Ivanderson P.; SILVA, Diego R. O que leva um sujeito a se associar às comunidades virtuais de debate científico nas redes sociais da internet?. **Paidéi@**, v. 5, p. 1-16, 2013.

SILVA, Icaro D.; SILVA, Ivanderson P. Autoria em produção de vídeos: uma experiência com alunos dos projetos integradores do curso de física licenciatura da UFAL. **Revista EDUCTE**, v. 1, p. 21-32, 2012.

VASCONCELOS, Celso S. **Indisciplina e disciplina escolar**: fundamentos para o trabalho docente. São Paulo: Cortez, 2009.